



***PARTICIPAR DE UM GRUPO DE PESQUISA: UMA AUTOETNOGRAFIA
COLETIVA DAS EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS NO AFRODITE***

***PARTICIPAR EN UN GRUPO DE INVESTIGACIÓN: UNA
AUTOETNOGRAFÍA COLECTIVA DE LAS EXPERIENCIAS VIVIDAS EN
AFRODITE***

***PARTICIPATE IN A RESEARCH GROUP: A COLLECTIVE
AUTOETHNOGRAPHY OF THE EXPERIENCES LIVED IN AFRODITE***

William Roslindo Paranhos¹

Édina Roberta Meira²

Mário José da Conceição Júnior³

Mariana Lectícia Beraldi⁴

Laís Antunes Wilhelm⁵

Olga Regina Zigelli Garcia⁶

RESUMO

1 Profe. William Paranhos, Msc. Pessoa professora Universitária Consultoria e assessoria em Diferença e Diversidades nas Escolas e Organizações / Instituições de Ensino e Organizações Saudáveis Especialista em Estudos de Gênero e Diversidade Pesquisadora CoMovI - UFSC/CNPq I AFRODITE - UFSC/CNPq - AFRODITE williamroslindoparanhos@gmail.com

2 Graduada em Enfermagem (UFSC). Membro do Laboratório AFRODITE (UFSC/CNPq) - edinarmeira@gmail.com

3 Graduado em Pedagogia (UDESC). Docente na Rede municipal de ensino de São José/SC. Membro do Laboratório AFRODITE (UFSC/CNPq) - dudoaraujo@gmail.com

4 Doutoranda em Enfermagem (UNIFESP). Mestra em Saúde Coletiva (UEL). Membro do Laboratório AFRODITE (UFSC/CNPq) - marianalberaldi@gmail.com

5 Doutora em Enfermagem (UFSC). Professora Adjunta do Departamento de Enfermagem da UFSC. Vice-líder do Laboratório AFRODITE (UFSC/CNPq) - laiswilhelm@gmail.com

6 Doutora em Ciências Humanas (UFSC). Professora Titular do Departamento de Enfermagem da UFSC. Líder do Laboratório AFRODITE (UFSC/CNPq) - zigarcia@gmail.com

A vivência em um laboratório de pesquisa em gêneros e sexualidades possibilita experiências transformadoras, na medida em que a sociabilidade é composta de uma pluralidade bastante marcada por diferenças, estejam elas no âmbito da epistemologia ou das categorias de análise das diversidades. O presente estudo tem por objetivo analisar a experiência das pessoas autoras enquanto integrantes de um laboratório interdisciplinar de ensino, pesquisa e extensão em gêneros e sexualidades. Para tanto, as seis pessoas autoras – entre estudantes e pesquisadoras – propuseram uma autoetnografia coletiva analítica. O processo de construção – por meio de debates, inquietações, incômodos, reflexões – retratou a experiência em grupo, culminando em novos desconfortos que, mais uma vez, possibilitaram a transformação. Assim, consideramos que o elo que marca a união e que sustenta o papel social do laboratório enquanto espaço de educação é a possibilidade de experimentar e seu caráter transformador.

PALAVRAS-CHAVE: Laboratório de Pesquisa. Gêneros. Sexualidades. Autoetnografia.

RESUMEN

Vivir en un laboratorio de investigación de género y sexualidades posibilita experiencias transformadoras, en la medida en que la sociabilidad se compone de una pluralidad marcada por las diferencias, ya sea en el ámbito de la epistemología o en las categorías de análisis de las diversidades. El presente estudio tiene como objetivo analizar la experiencia de las autoras como integrantes de un laboratorio interdisciplinario de docencia, investigación y extensión en género y sexualidades. Para ello, los seis autores, entre estudiantes e investigadores, propusieron una autoetnografía colectiva analítica. El proceso de construcción -a través de debates, inquietudes, molestias, reflexiones- retrató la experiencia del grupo, culminando en nuevos malestares que, una vez más, posibilitaron la transformación. Así, consideramos que el vínculo que marca la unión y que sustenta el rol social del laboratorio como espacio de educación es la posibilidad de vivencia y su carácter transformador.

PALABRAS-CLAVE: Laboratorio de investigación. Géneros. Sexualidades. Autoetnografía.

ABSTRACT

Living in a gender and sexualities research laboratory enables transformative experiences, insofar as sociability is composed of a plurality marked by differences, whether in the scope of epistemology or the categories of analysis of diversities. The present study aims to analyze the experience of the authors as members of an interdisciplinary laboratory of teaching, research and extension in gender and sexualities. To this end, the six authors – among students and researchers – proposed an analytical collective autoethnography. The construction process – through debates, concerns, annoyances, reflections – portrayed the group experience, culminating in new discomforts that, once again, enabled the transformation. Thus, we consider that the link that marks the union and that sustains the social role of the laboratory as an education space is the possibility of experiencing and its transforming character.

KEYWORDS: Research lab. Genres. Sexualities. Autoethnography.

* * *

Introdução

A decisão de integrar um grupo ou laboratório de pesquisa acadêmica pode surgir por diversos motivos. Algumas pessoas ingressam por afinidade com o foco de estudo do grupo; outras, por necessidade; outras, ainda, no intuito de buscar novas informações e conhecimentos acerca da temática central trabalhada pelo grupo temas; e, por fim, há aquelas que utilizam esse espaço para provocar tensionamentos no contexto educacional.

Um grupo ou laboratório de pesquisa consiste em um agrupamento de pessoas das mais variadas culturas, de diversas crenças, de áreas de formação em comum ou distintas – com enfoques epistemológicos diferentes, provenientes de territórios sociais e políticos incongruentes, em grande parte das vezes –, entre outras características que são percebidas nesses espaços de discussão e construção do saber. Mas o que dizer de um laboratório que, além de todos esses aspectos, ainda se debruça sobre os estudos de gêneros e sexualidades, parte integrante de uma estrutura demasiado complexa que é a formação humana?

O Laboratório Interdisciplinar de ensino, pesquisa e extensão em sexualidades – Afrodite – trata-se de um ambiente que se encontra, quase sempre, em efervescência de produção, criando embates e debates que assumem um posicionamento crítico perante as normas cristalizadas na sociedade. Não bastasse esse quadro, o grupo enfrenta desafios ainda maiores, já inscritos em seu próprio nome: promover ensino, pesquisa e extensão acerca de temas debatidos que emergem de campos do conhecimento marginais e limítrofes (WILLIAMS, 2013; DA SILVA, 2016; LARROSA, 2021).

Partindo desse desenho, nós, pessoas autoras, decidimos analisar as experiências por nós vividas e as potências percebidas nesse percurso junto ao laboratório, onde dividimos espaço com os mais diversos campos teóricos e com as visões políticas mais variadas, além de contarmos com uma grande representatividade de categorias de análise das diversidades, todas geradoras de tensões, incômodos, afetos que nos desestabilizam e nos convidam à desconstrução.

Por essa razão, faz-se tão importante destacarmos o fato de que, sabendo de toda essa pluralidade e da riqueza que dela emerge, não nos é possível falar de todas as

vivências ali existentes, de todas as experiências percebidas. No entanto, no exercício do lugar de fala enquanto mulheres e homens cis, Lésbicas, *Gays*, Bissexuais, Trans e Travestis, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/Agênero, Pan/Poli, Não Binárias e mais (LGBTIAP+), e *queer*, reconhecemos nossos privilégios em relação a outras pessoas e dissidências que compõem nosso grupo e nos sentimos capazes de falar acerca de algumas situações que ali ocorrem – de extrema significância no percurso formativo dos sujeitos que por ali passam (LAPOLLI; PARANHOS; WILLERDING, 2022) –, colocando-nos em um território externo ao da experiência individual, mas acreditando que esta possa corresponder em determinados aspectos com as des demais.

Assim, buscamos, por meio desta autoetnografia coletiva, analisar a experiência das pessoas autoras enquanto integrantes de um laboratório interdisciplinar de ensino, pesquisa e extensão em gêneros e sexualidades, no intuito de responder a seguinte questão: quais são as percepções das pessoas autoras acerca de suas experiências enquanto integrantes de um laboratório interdisciplinar de ensino, pesquisa e extensão em gêneros e sexualidades?

O Afrodite

O Afrodite – vinculado ao Departamento de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e integrante dos núcleos e laboratórios ligados ao Instituto de Estudos de Gênero (IEG) da UFSC – foi criado em 2020 e teve sua certificação pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) em 26 de junho do mesmo ano.

O laboratório visa ao fomento das discussões sobre gêneros e sexualidades e ao respeito às diferenças, tendo em consideração os marcadores socioculturais e o direito das pessoas de vivenciarem suas sexualidades em suas singularidades, livres de discriminação e preconceito. Entende a sexualidade como um dos aspectos do viver humano que compõem o ser/viver saudável; portanto, o atendimento das questões a ela relacionadas demanda cuidado e assistência qualificada à saúde.

São seis linhas de pesquisa, a saber: Corporalidades, gêneros, diversidade sexual e saúde; Educação continuada em gêneros e sexualidades no sistema educacional e assistência à saúde; Gêneros e sexualidades: interseccionalidades e interferências culturais; Gêneros e sexualidades no ciclo gravídico-puerperal; Gêneros, sexualidades,

direitos sexuais e reprodutivos; Saúde e afetos: monogamia, amor romântico e não monogamia – discursos e práticas.

O Afrodite possui um caráter interdisciplinar e está aberto a estudantes, servidoras, docentes e técnico-administrativas ou qualquer pessoa da comunidade interessada nos estudos da sexualidade. Assim, em sua atual composição, compreende pessoas de vários estados do Brasil, trans e cis, hétero e homossexuais, brancas e negras, das áreas de antropologia, medicina, enfermagem, psicologia, linguística, educação e administração, estudantes de graduação e pós-graduação, docentes e um servidor técnico-administrativo – estas duas últimas categorias no âmbito universitário, tanto da UFSC como de outras Instituições de Ensino Superior (IES) –, e docentes do ensino fundamental.

A escolha do nome do laboratório é uma alusão à deusa da mitologia grega Afrodite – conhecida como a deusa do amor, da beleza e da sexualidade. Na Grécia Antiga, era cultuada e associada aos prazeres carnavais e considerada a protetora das prostitutas (ROBLES, 2019). Definido o nome do laboratório, faltava escolher uma logomarca que o representasse. Optou-se pela figura do unicórnio, ser mitológico e emblemático.

FIGURA 1: Logomarca do Afrodite



Fonte: acervo do Afrodite.

A origem do tema do unicórnio é incerta e se perde nos tempos atuais. O nascimento desse mito é impreciso, nenhum estudo alcançou ainda a dimensão de seu surgimento. Apesar da diversidade de interpretações sobre essa figura mitológica, a mais conhecida é a de que seus chifres e pelos tivessem propriedades curativas e fossem cobiçados por caçadores. No entanto, como se tratasse de um equino extremamente veloz e forte, sua captura era praticamente impossível, e o único meio de caçá-lo seria com a ajuda de uma virgem, o que fez com que um dos significados dados ao seu chifre fosse a sexualidade (SILVA, 2015).

O unicórnio não tem sexo determinado, o que lhe confere uma indefinição de identidade de gênero e o torna um questionamento ao binarismo de gênero. Partindo da premissa de que não há *uma* sexualidade, e sim uma diversidade delas, e tendo em vista que quem trabalha com a temática da sexualidade tem que estar aberto a todas as possibilidades de ser/estar no mundo, o Afrodite escolheu o unicórnio para representar sua logo. Na crina, foram colocadas as cores de todas as bandeiras relativas à sexualidade e as cores preta e marrom, para demarcar raça. A cor roxa do unicórnio foi escolhida por representar o feminismo, que, em nossa percepção, é um tema transversal a todas as discussões do laboratório.

Percurso metodológico

Não há outra maneira de iniciarmos a explicação sobre as perspectivas metodológicas que nos orientam sem antes destacarmos nosso exercício político. Fazer parte de um laboratório de pesquisa é um ato político. Indo além: fazer parte de um laboratório que aborda as experiências dissidentes, as diferenças sexuais, é tão ou mais político ainda. Nossa pesquisa não pretende diferenciar; nosso desejo é o de criar mecanismos emancipatórios, por meio da ciência e da educação, que possibilitem a construção de uma sociedade mais justa, diversa e equânime.

Tal posicionamento já deixa explícito o motivo pelo qual escolhemos a metodologia qualitativa autoetnográfica para este estudo, posição de extrema complexidade ao demonstrar nosso engajamento condizente com a perspectiva política da metodologia. A partir deste momento, nossos próprios “eus” se propõem “a fazer a investigação, se reconhece[m] e se coloca[m] como [...] voz[es] em articulação com o campo científico e intelectual” (MANZONI-DE-ALMEIDA, 2021, p. 34).

A autoetnografia como metodologia surge a partir da etnografia, método bastante utilizado no campo antropológico, que agora adere ao *self*, promovendo um processo de autorreflexão passível de ser analisado. As vivências da pessoa pesquisadora, a partir de tal pressuposto, poderão corroborar as potencialidades do campo da pesquisa (PARANHOS, 2021).

Entretanto, o mesmo campo que agora se abre como potência também produz estranheza e insegurança. Primeiro, em virtude das crenças ortodoxas e eurocentristas do exercício acadêmico, que até pouco tempo negavam a integração dos aspectos subjetivos à pesquisa. Em segunda instância, observa-se também a dificuldade que

existe em distinguir autobiografia e autoetnografia. De acordo com Manzoni-de-Almeida (2021), a grande diferença se encontra no fato de que a autoetnografia é um método de pesquisa acadêmica que possibilita a concretização de análises culturais, enquanto a autobiografia não faz necessário tal comprometimento epistemológico em torno da validação de memórias e de relatos afetivos. Desse modo, a autoetnografia apresenta características próprias, variadas, diferentes de outros métodos qualitativos de investigação” (MANZONI-DE-ALMEIDA, 2021, p. 34).

Temos a ciência de que, ao lado de algumas poucas pessoas – ao considerarmos o contexto acadêmico –, estamos na vanguarda ao nos valermos de tal método como instrumento possível e potente de investigação. Entendemos também que somos ainda mais audaciosos ao realizá-la de maneira coletiva ou colaborativa – nomenclaturas possíveis para o agrupamento de pessoas pesquisadoras em torno de uma mesma autoetnografia. A decisão parte de evidências científicas que apontam a autoetnografia como possibilitadora de aprendizados que se tornam tanto pessoais quanto coletivos – em níveis conscientes e inconscientes –, os quais ligam-se a conceitos como liberdade, democracia e justiça social, além de facilitar o desenvolvimento de estratégias nos mais variados campos de atuação, sejam eles acadêmicos ou não (CORD; CLEMENTS, 2010). Assim, nossa decisão é a construção de um debate em comum a partir das nossas experiências individuais transformadas em autoetnografias.

Existem diferentes maneiras de construir uma autoetnografia coletiva: as pessoas pesquisadoras podem transcrever memórias pessoais, realizar entrevistas umas com as outras, observar e analisar o comportamento das pessoas envolvidas, ou ainda realizar pesquisas em documentos que façam referência a cada integrante do coletivo formado. Todas essas possibilidades sugerem o fato de que uma autoetnografia coletiva não é um processo linear com fácil cadenciamento. Ao contrário, se fazem necessárias várias sessões de conversas e discussões a fim de que o subjetivo retratado seja condizente com o coletivo (ROY; UEKUSA, 2020). Nessa luta para equilibrar as diversas perspectivas, “os autores-pesquisadores-participantes são encorajados a ouvir as vozes uns dos outros, examinar suas próprias suposições e desafiar as perspectivas” (CHANG, 2013, p. 111).

Desse modo, a autoetnografia coletiva ainda é vinculada ao subestilo chamado analítico, em que “a grande intenção centra-se [n]a confluência da crítica da cultura pela perspectiva do seu ‘Eu’” (MANZONI-DE-ALMEIDA, 2021, p. 57), tornando-se necessário o exercício de percepção e compreensão do espaço onde atuamos – neste

caso, enquanto integrantes de um laboratório de pesquisa – “sem deixar-se escapar, e analisa a cultura que causa influência, que pressiona a si e aos outros à sua volta” (MANZONI-DE-ALMEIDA, 2021, p. 57).

Assim, após um primeiro encontro virtual e cientes do que nos era comum, decidimos partir para a construção de um relato pessoal. Este não possuía nenhum tipo de formato ou estrutura predefinida. Somente era orientado por alguns questionamentos que utilizamos como perguntas disparadoras: “O que me levou a entrar no Afrodite?”, “Como sentimos o processo de estar no Afrodite?”, “Que contribuições percebemos?”, “De que maneira o Afrodite afeta a nossa experiência acadêmica/formativa/profissional?”. Contudo, torna-se importante reafirmarmos que tais questionamentos emergiram como um norte, não como uma restrição.

Por mais que não houvesse um padrão estabelecido para a construção textual, cinco das seis pessoas autoras decidiram elaborar um relato em primeira pessoa, destacando os principais pontos de sua trajetória que convergiam, e até mesmo se confundiam, com a do Afrodite. A análise textual foi o próximo passo definido em nosso percurso, sendo que cada uma das pessoas leu e destacou passagens dos seis textos – do seu e dos outros.

Depois de uma semana, nos reencontramos e, em posse de nossos textos, decidimos compartilhá-los. Foi nesse momento que percebemos a potência que estava ali representada e a sua consonância com a proposta da autoetnografia. No intuito de facilitar a visualização do material construído até então, optamos por utilizar a análise categorial, instrumento de extrema valia em pesquisas, que proporciona um retorno com dados de diversas significações. A análise compreende um desmembramento do texto em unidades menores e um reagrupamento daqueles trechos que possuam conteúdos afins (WILLERDING, 2015).

Partindo de uma decisão conjunta, todos os excertos destacados pelas pessoas autoras foram organizados em categorias; em sequência, analisamos quais eram os aspectos em comum em nossos relatos. Tornou-se possível evidenciar as experiências que representavam uma potência compartilhada: educação marginal, papel social da universidade e experiência.

Desse ponto em diante, realizamos uma análise e uma discussão conjunta acerca do material construído e, posteriormente, nos colocamos no exercício das conexões epistemológicas, mas não com o pragmatismo ortodoxo científico da comprovação, e

sim movidos pelas experiências potentes e transformadoras, as quais encontram-se, a partir de agora, eternizadas nestas páginas.

Relatos das pessoas autoras

O relato de uma aluna de graduação: Édina

O interesse em participar de um grupo de pesquisa sobre gênero e diversidade sexual surgiu na primeira fase, quando, ao ingressar em um curso da área da saúde, me deparei com a realidade de que os corpos que estudávamos eram cisgênero. Logo, também percebi que os sinais e sintomas estudados não explicavam ou mostravam outra realidade ou outros corpos. Aí, quando soube da disciplina “Corpo, gênero e sexualidade”, da sexta fase, fiquei pensando em qual seria minha carga positiva pra essa disciplina – não somente a contribuição da experiência como ser-estudante, mas as dúvidas e questões que eu poderia ter. Eram (e ainda são) muitas. Indaguei-me sobre o motivo dessas questões, se existiria uma forma de me aproximar delas e entender, lendo e convivendo. Aí conheci o Afrodite.

Após o ingresso no grupo, se fortaleceu a ideia da importância de ter uma ferramenta como o gênero para melhor compreender os fenômenos e analisar a saúde como uma política fundamentalmente social, com caráter *igualitário*. Além do gênero, a diversidade do Afrodite, tanto nas temáticas abordadas quanto nas pessoas que o compõem, tem a capacidade de fazer você rever seus conceitos enquanto pessoa e suscita um desejo de atuar para um serviço de saúde pública acessível e de qualidade para com e outre, respeitando suas próprias vivências e experiências. Infelizmente, as raízes do conservadorismo e do comodismo ainda estão impregnadas na universidade, e a maioria dos estudantes ainda não conhece e não vivenciou essa experiência fora de sua “bolha”.

Como o conhecimento vai muito além da teoria, a conexão de vivências e experiências é um fator forte para o crescimento pessoal, acadêmico e, futuramente, profissional. Ouvir relatos e aprender com docentes e discentes, não só para obter uma nota obrigatória e constar no currículo, é firmar a admiração por todes aqueles que já construíram e ainda constroem um serviço de qualidade (seja de qual área for). Mesmo que haja uma repressão contra a formação reflexiva e crítica na universidade, saber que

existem pessoas comprometidas com o aprendizado técnico, político e social, como as que hoje compartilham seus saberes com o grupo, é de extrema importância para pensar em como agir para um amanhã melhor.

Um dos aspectos que quero destacar é que, mesmo sem nunca ter visto presencialmente as pessoas que compõem o Afrodite, percebo, enxergo e sinto presença. Não preciso ter encontrado qualquer pessoa que faça parte do Afrodite hoje para entender que a existência dela ali é importante. É sobre estar junto e compreender que a presença traz escuta e aprendizado, e que bom que o grupo nos proporciona um lugar de fala e um lugar de escuta. O Afrodite é essencial porque, além de ensinar, o grupo escuta e acolhe.

O relato de uma aluna de pós-graduação: Mariana

Estava quase desistindo da pós-graduação, na modalidade de doutorado, quando resolvi mudar a temática de minha pesquisa para algo que me instigava: a sexualidade. Apesar do interesse pelo tema, sabia pouco sobre esse universo, era tudo muito novo para mim. Comecei a mergulhar na imensidão de publicações que existem na literatura, até que encontrei a dissertação e a tese de uma docente com a qual me identifiquei muito. Entrei em contato, e prontamente ela se disponibilizou a me ajudar, me convidando para entrar no Afrodite. Aquilo significou esperança para mim.

Do primeiro ao último ano da minha graduação em enfermagem, fiz parte de projetos de ensino, pesquisa e extensão. Enquanto acadêmica, sempre me inseri em múltiplos cenários e procurei conhecer diferentes perspectivas para saber do que gostava, desenvolver habilidades pessoais e ampliar meu olhar. A minha inserção no Afrodite não foi diferente. A busca pelo conhecimento e o aspecto curioso do meu “eu pesquisadora” e futura docente me levaram a estar ali. Para me aprofundar na temática da sexualidade, eu precisava adentrar nesse universo; e, além das buscas e das leituras para a pesquisa científica, era importante conhecer e me relacionar com pessoas que falassem sobre aquilo.

Sinto na minha vivência enquanto pesquisadora que a pós-graduação *strictu sensu* é um período solitário. Quem produz a pesquisa é, na realidade, a única pessoa responsável por ela. Mas, na minha formação docente e de pesquisadora, consigo perceber que a sociabilidade e a interação são tão enriquecedoras quanto teorias e leituras, uma vez que estas sozinhas não são suficientes.

A princípio, essa busca pelo conhecimento para desenhar a minha pesquisa era o fator principal para me inserir no grupo. Entretanto, muito além de leitura, escrita e construção de saberes científicos, o Afrodite me permitiu contribuição mútua e genuína, vivenciar e estar com a diversidade sexual de maneira livre e sem julgamentos, o que pouco havia experimentado em outros espaços da academia.

Além do campo da pesquisa, tenho vivenciado outras extensões que o grupo proporciona. Um exemplo é a disciplina “Corpo, gênero e sexualidade”, ministrada na graduação em enfermagem da UFSC. Apesar de ser pós-graduanda, fui acolhida para cursar, pela primeira vez, na enfermagem, uma disciplina que fosse especificamente sobre sexualidade. A formação dessa temática é negligenciada na enfermagem, o que impacta diretamente a prática profissional, ocasionando despreparo e atitudes preconceituosas, respaldando suas orientações apenas em crenças pessoais. Viver essa disciplina possibilitou perceber os múltiplos contextos em que a pessoa profissional de enfermagem pode atuar, contribuindo para a minha capacitação no que se refere aos atendimentos em sexualidade. Inclusive, esse conhecimento adquirido tem me dado propriedade para a minha prática, enquanto enfermeira, por meio de educação sexual e de palestras.

Estar no Afrodite é um desafio, é se colocar no lugar de aprendiz constantemente. É desconfortável ter consciência do não saber e, ainda, ultrapassar as perspectivas de uma mulher branca e cis e olhar para além dessas lentes. Este é um dos aprendizados de um laboratório interdisciplinar: trocar, crescer e experimentar. São impactos que necessitam ser olhados e cuidados, pois conversam com colaboração, diálogo e afeto, com redes de prática e de pesquisa, e possibilitam amplificar nosso saber. Trata-se de configurações marcadas por histórias e que compõem a rede de colaboração. Acredito que esse seja um caminho para se formar professora e pesquisadora.

O relato de uma docente líder do grupo de pesquisa: Olga

Falar do Afrodite é revisitar minha trajetória na profissão de enfermeira docente. Mulher cis, branca e heterossexual, desde que ingressei na carreira docente no ensino superior, atuando na área da saúde da mulher, passei a ouvir, durante as consultas de enfermagem, queixas relacionadas à sexualidade. Minha formação não me dava subsídios para trabalhar essas queixas, o que me levou a buscar o campo de conhecimento dos estudos da sexualidade. Ao adentrar nesse campo, me deparei com a

imensa diversidade sexual que permeia o viver humano – uma diversidade até então silenciada e negligenciada na formação de profissionais da saúde. Percebi que as pessoas que buscavam atendimento em saúde necessitavam ser vistas em sua singularidade, que, em muitos casos, não correspondia à matriz cisheteronormativa e ao par binário homem/mulher. Percebi mais: que todas as pessoas que fugiam a essa categorização binária eram vistas como desviantes e, portanto, doentes, uma vez que não se adequavam aos modelos de saúde no campo da sexualidade.

Essas vivências me levaram a criar um projeto de extensão de consultas de enfermagem em sexualidade, e mais tarde resultaram também na criação da disciplina “Corpo, gênero e sexualidade”, obrigatória no currículo de graduação em enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina. Ciente da importância do lugar de fala para o conteúdo de gênero e diversidade sexual abordado na disciplina, sempre trouxe convidados LGBTQIA+ para trocar com estudantes suas vivências. Percebi que tal experiência, para além de tornar essas pessoas visíveis para estudantes, permitia que estas passassem a adotar uma postura não discriminatória, livre de preconceitos, acolhedora e inclusiva para com a diversidade sexual.

O tempo foi passando, e era nítida a necessidade de formar um grupo de estudos em gênero e diversidade sexual na saúde. Em maio de 2020, ano marcado pela pandemia de covid-19, fui procurada por um grupo de alunas me pedindo indicação de um grupo de estudos em sexualidade. Pensei: “Por que não montar um grupo de pesquisa na temática?”. Partindo da premissa de que este deveria ser marcadamente interdisciplinar, foram feitos os primeiros contatos com [ocultado por anonimato] (médico, doutor em saúde coletiva, pessoa branca trans não binária), com [ocultado por anonimato] (professor do Instituto Federal de Santa Catarina – IFSC –, doutorando em antropologia, pessoa negra trans) e com a professora [ocultado por anonimato] (enfermeira obstétrica, mulher branca cis), para juntas construirmos o grupo de pesquisa. Foram dois meses de trabalho em equipe com essas três pessoas para elaborar os objetivos, o regimento e as linhas de pesquisa e inscrever o grupo na plataforma de grupos de pesquisa do CNPq. Assim, em 26 de junho de 2020, nasceu oficialmente o Laboratório Interdisciplinar de ensino, pesquisa e extensão em sexualidades – Afrodite –, constituído de pessoas pesquisadoras e estudantes de graduação e de pós-graduação das mais diversas áreas de formação.

Além de um grupo de ensino, pesquisa e extensão, o Afrodite é também um grupo de acolhimento e ajuda mútua. As ações de ensino até este momento estão voltadas para

a disciplina “Corpo, gênero e sexualidade” (da enfermagem), através da participação dos membros no conteúdo relativo à diversidade sexual e da atuação em disciplinas ofertadas em cursos de extensão e pós-graduação. Ainda como forma de extensão, o grupo realiza formações quinzenais nas temáticas de gênero e diversidade sexual e eventos científicos em nível nacional. Dos temas de formação, nasceram as pesquisas até então desenvolvidas pelo grupo. É motivo de orgulho um dossiê temático sobre sexualidade, com seis artigos de membros do Afrodite, publicado na revista *Cadernos de Gênero e Diversidade*, da Universidade Federal da Bahia (UFBA), em 2021.

A indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão e a interdisciplinaridade são os pilares que sustentam o Afrodite. Ressalto, porém, que seu campo de atuação não é circunscrito à academia. Ao impactar a vivência e a experiência acadêmica e profissional de membros por meio de múltiplos olhares e perspectivas para a desconstrução de um modelo prescritor de condutas, o Afrodite rompe os muros da academia e cumpre com um dos papéis da universidade: a mudança da realidade social, neste caso auxiliando na construção de uma sociedade mais igualitária e equânime, que subverta a norma imposta em relação à sexualidade, que tanto discrimina, violenta e traz sofrimento.

O relato de uma docente vice-líder do grupo: Laís

Durante a realização do meu mestrado, surgiu a possibilidade de trabalhar com a questão do corpo e da sexualidade no processo gestacional, o que acabou não se concretizando. Saliento, porém, que, ao buscar aprofundamento teórico, o silenciamento dessa temática no período gravídico puerperal me chamou a atenção. Quando entrei como professora adjunta no Departamento de Enfermagem da UFSC, recebi o convite da Prof.^a Dra. [ocultado por anonimato] para ministrar com ela a disciplina “Corpo, gênero e sexualidade”, obrigatória no curso de enfermagem da UFSC. Assim que li a ementa da disciplina, achei maravilhosa e imediatamente aceitei o convite. Sabia que seria uma experiência desafiadora, pois, apesar de gostar da temática, não era uma estudiosa e/ou pesquisadora da área em si, além de não ter tido, durante a minha graduação, uma disciplina específica sobre o tema. Após um semestre ministrando a disciplina com a professora [ocultado por anonimato], lendo e estudando os assuntos abordados, a área foi despertando ainda mais o meu interesse. Em junho de 2020, a [ocultado por anonimato] então me convidou para criarmos o Afrodite, juntamente com

outras pessoas pesquisadoras. Confesso que em um primeiro momento achei que talvez não fosse para mim; afinal, a minha área sempre foi a saúde da mulher. Mas aceitei o desafio, e, após a criação das linhas de pesquisa, me senti contemplada, e assim me tornei pesquisadora do Afrodite.

Estar no Afrodite é estar refletindo diariamente. Estar atenta a questões que antes passavam “batidas”, ou com as quais me incomodava, mas não me posicionava a respeito. Hoje não consigo escutar um comentário preconceituoso, machista, sem me posicionar. Ademais, sempre que possível, faço as pessoas refletirem sobre as questões de gênero e sexualidades.

O Afrodite tem contribuído para o desenvolvimento de competências para minha atuação enquanto docente do curso de enfermagem e pesquisadora na área. Temos desenvolvido pesquisas importantes e com impacto social, atividades de extensão, que tem como objetivo é realizar capacitação/formação no campo dos estudos de gênero, feminismos e sexualidades. Além disso, o nosso grupo tem um caráter interdisciplinar, o que promove a integração de diferentes projetos e perspectivas e enriquece muito nossas discussões. Ademais, o Afrodite aproxima discentes e pesquisadoras com a realidade sociocultural e de saúde da população LGBTQIA+, constituindo um ambiente interativo, dinâmico e complexo; é direcionado à promoção da saúde, ao cuidado culturalmente congruente/humanizado e à autonomia dessa população.

O relato de um professor de ensino fundamental: Mário

O Afrodite me mobiliza de muitas maneiras, mas a reflexão que por ora sinto mais forte diz respeito às contribuições que esse grupo possibilita em minha construção enquanto pesquisador. Assim, destaco três sensações/sentimentos que atravessam meu corpo e vêm me constituindo enquanto pesquisador: afeto, desassossego e desconforto.

O afeto em Spinoza (2009) é designado como um sentimento, uma mudança que ocorre tanto no corpo como na alma. Certos atributos humanos nos afetam ao ponto de contribuírem para a construção de quem somos como pesquisadoras.

Com a vida acadêmica, o desassossego que já havia em mim (que nem compreendia racionalmente), sobre tudo que envolvia sexo, sexualidade e gênero (somente mais tarde percebi que fui uma criança viada), despertou, me levando a ser bolsista de extensão e pesquisa na área de sexualidade e educação sexual durante minha formação. Este é o primeiro aspecto importante do grupo Afrodite: a oportunidade de

vivenciar as contribuições dos estudos para os contextos sociais e a ligação entre teoria e prática – a práxis. Esse desassossego foi aumentando à medida que também tive a oportunidade de trabalhar em uma organização não governamental. Por meio dos movimentos sociais, conheci a educação não formal e comecei a entender, a partir daí, a importância do ativismo na construção de novas perspectivas epistemológicas que respondam às necessidades das pessoas.

O fato de o Afrodite ser composto de pessoas tão diversas, que agem e reagem aos diversos marcadores sociais – como gênero, raça etc. – de formas diferentes, permite que um grupo dito acadêmico possa ultrapassar os muros da academia e dialogar com as mais diversas pessoas e seus lugares sociais, um segundo aspecto da importância do Afrodite. Todo esse contexto leva ao surgimento do desconforto, pois reconhecer o lugar de fala de outrem faz-nos questionar sobre nosso próprio lugar, sobre nossos privilégios, desestabiliza quem somos, interroga-nos sobre como pensávamos, fazíamos, e sobre como pensaremos e agiremos agora.

O relato de uma pessoa pesquisadora e vivenciando a fluidez de gênero: William

Entrar, estar e permanecer no Afrodite é uma história de afectos que se iniciou antes mesmo que eu soubesse de sua existência. Minha história acadêmica – e sempre costumo dizer que “minha história de vida” – começa no GDE. A especialização em gênero e diversidade na escola promovida pela UFSC foi uma das experiências mais potentes que já tive durante minha vivência. Lá, compreendi que trabalhar com temáticas acerca de sexualidades, gêneros e diferenças era minha grande missão. Na realidade, não só trabalhar, mas experimentar.

Porém, também considero de extrema importância trazer em meu relato a minha vida dentro da militância LGBTIAP+ e *queer*, militância esta que, quando de meu ingresso, ainda era chamada de GLS. Foram – e ainda são – dois espaços de gigantescos aprendizados, a academia e a militância. Cada um auxilia na formação em determinadas perspectivas, mas afirmo que só quem se permite a “formação” em ambos sabe de toda a potência que pode ser atingida.

Durante aqueles dois anos, que ficarão para sempre em minha memória, conheci [ocultado por anonimato]. À época, professora [ocultado por anonimato]. Hoje, líder [ocultado por anonimato], amiga [ocultado por anonimato], ou, como geralmente a chamo, “amore”. Mesmo que virtualmente, nossa relação perdurou, e eis que um dia me

deparo com o convite para um evento que estava sendo promovido por um tal de Afrodite. Nesse momento, eu cursava meu mestrado, trabalhando com temas inerentes às diversidades, mas percebia, sentia, que algo me faltava. Quando vi a programação, fiquei encantado. Era aquele mesmo mundo do GDE. Não hesitei e enviei uma mensagem para [ocultado por anonimato] perguntando sobre o evento. Para minha feliz surpresa, soube que aquele era o grupo que [ocultado por anonimato], em conjunto com outras pessoas, havia formado e o qual comemorava um ano de criação. Recebi o convite para ingressar e prontamente aceitei.

Estar no Afrodite é estar em um território. Território este que me acolhe, me possibilita experienciar um rizoma, mas que, ao mesmo tempo, me convida constantemente à fuga, ao processo de novamente desterritorializar, desestabilizar, para, quem sabe, territorializar novamente. É um verdadeiro movimento que tensiona os saberes, os viveres e os seres e que nos convida a compreender as diferenças. E todo esse processo, enquanto experiência, transforma e afeta diretamente meu ser.

Tanto que não é à toa que deixo para marcar neste espaço do texto o que compreendo hoje enquanto meu lugar de fala. Uma criança viada, um adolescente e adulto *bixa*, mas sempre com desejos bastante intensos e nunca percebidos. Atualmente, eu ainda não consigo me identificar – e, no tempo em que penso na identificação, penso também em qual é a real necessidade dela. Creio que muitos processos internos e muitas relações, entre as quais as do Afrodite, me permitiram chegar a este momento, ou melhor, a este não momento, a este não lugar, a este território desconhecido e inominado.

Emergindo do “eu” e partindo para o contexto social, foi nesse grupo que encontrei um lugar para fazer ciência e pesquisa da maneira como acredito. Vou além: ele abre espaço para que eu possa militar dentro da educação – outro território em que me encontro por missão e paixão –, na medida em que questionamos, em conjunto, as normas que insistem em invisibilizar e marginalizar nossas experiências, mesmo sustentando um discurso de inclusão das diversidades. É ali que a práxis é orientada e reorientada constantemente, acreditando que a relacionalidade se baseia na complexidade e na singularidade e que, por meio dessa prática, podemos estabelecer, juntas, relações equânimes; e acreditando, sobretudo, que a diferença não deve ser aceita, tolerada ou respeitada, mas sim compreendida.

Análise dos relatos

Papel social da universidade

A palavra “universidade”, em sua origem etimológica, advém do latim “*universitas*”, formado pelo adjetivo “*universus-a-um*”, que significa “todo, inteiro, universal”. A ela cabe o papel de formação científica, humanística, ética, política, social, cultural e afetivo-emocional, contribuindo para a construção da cidadania das pessoas, possibilitando-lhes o desenvolvimento de novas formas de raciocínio, criticidade, criatividade, sensibilidade, cooperação, parceria e respeito à diversidade. No Brasil, essa instituição se consolidou muito recentemente, a partir das primeiras décadas e mais fortemente na segunda metade do século XX, sob inspiração de modelos existentes na Europa e nos Estados Unidos (RIBEIRO; SALES, 2020).

Em pleno século XXI, vivenciamos uma sociedade emergente, marcada pela globalização, pela informação e por tecnologias de comunicação, em que o conhecimento ocupa lugar central e a educação passa a ganhar importância. Esta sociedade globalizada, na qual o conhecimento é fator central do desenvolvimento econômico, trouxe consigo um reposicionamento dos sistemas de ensino. A universidade passou a ser concebida não apenas como objeto da globalização, mas sim como seu agente. As demandas da sociedade globalizada reconfiguram o contexto no qual a universidade se insere e de que modo a universidade se coloca, para além de objeto, como agente das transformações que se processam nessa mesma sociedade (FIOREZE, 2017).

A universidade deve ser um espaço da produção do conhecimento, do debate de ideias, da formação de pessoas profissionais críticas com fundamento teórico e competência técnica para ler a realidade brasileira e, inseridas nela, serem capazes de transformá-la. Para tanto, ela também deve ser lócus de luta, de resistência, de desenvolvimento de práticas emancipatórias, espaço da crítica, da proposição e do compromisso com os interesses populares, colocando a produção de conhecimento, de ciência e tecnologia a serviço da população (FIOREZE, 2017; RIBEIRO; SALES, 2020).

Para atingir esses objetivos, faz-se necessário que a universidade pautar sua atuação no princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Estabelecida no artigo 207 da Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988) como dever para as IES públicas, a implantação da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e

extensão deve, obrigatoriamente, perpassar a formação promovida e ofertada por essas instituições. Nesse sentido, a proposta do Sindicato Nacional dos Docentes do Ensino Superior (ANDES-SN) para a universidade brasileira afirma que:

O princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão remete a um conceito de qualidade do trabalho acadêmico que favorece a aproximação entre universidade e sociedade, a autorreflexão crítica, a emancipação teórica e prática dos estudantes e o significado social do trabalho acadêmico. A concretização deste princípio supõe a realização de projetos coletivos de trabalho que se referenciem na avaliação institucional, no planejamento das ações institucionais e na avaliação que leve em conta o interesse da maioria da sociedade. (ANDES, 2003, p. 30)

Com esse olhar, o sociólogo português Boaventura de Sousa Santos (2011, p. 65), com quem concordamos, afirma que “no Século XXI só há universidade quando há formação graduada e pós-graduada, pesquisa e extensão. Sem qualquer destes, há ensino superior, não há universidade”. Até aqui, falamos do papel social da universidade e do tripé que a sustenta: ensino, pesquisa e extensão. Mas como o Afrodite pauta sua atuação nesses pilares?

Entendemos que o ensino vai além da mera transmissão de conhecimento, motivo pelo qual adotamos o termo “ensinagem”, cunhado por Léa das Graças Camargo Anastasiou, em 1994, para se referir a uma prática social, crítica e complexa em educação, entre professorie e estudante, “englobando tanto a ação de ensinar quanto a de apreender” dentro ou fora da sala de aula (ANASTASIOU; ALVES, 2004, p. 15).

No nível de graduação, o Afrodite tem se inserido no ensino pela participação de membros na disciplina “Corpo, gênero e sexualidade”, ministrada no curso de graduação em enfermagem. Em nível de pós-graduação, o Afrodite, em parceria com o Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades (NIGS/UFSC), desenvolveu e ministrou as disciplinas “Introdução aos estudos de gênero e sexualidade” e “Introdução aos estudos de gênero e ciências”, oferecidas no Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas da UFSC. Nessas duas modalidades de ensino, temos buscado a relação teórico-prática, de forma que as pessoas compreendam que não há como dissociar esses dois componentes, propósito este que vimos se concretizando, como demonstrado no relato abaixo:

Como o conhecimento vai muito além da teoria, a conexão de vivências e experiências é um fator forte para o crescimento pessoal, acadêmico e, futuramente, profissional. (Édina)

A pesquisa pode ser definida como o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo fornecer respostas aos problemas propostos. Para que receba a qualificação de científica, ela deve utilizar metodologia científica e técnicas adequadas para a obtenção de dados (BARROS; LEHFELD, 2014; GIL, 2019).

O Afrodite tem desenvolvido pesquisas, algumas em andamento, outras concluídas, sendo que algumas destas foram publicizadas por meio de oito artigos de membros, publicados em 2021 no dossiê temático sobre gênero e sexualidade da revista *Cadernos de Gênero e Diversidade*⁷, da Universidade Federal da Bahia. Importante destacar que o resultado dessas pesquisas é socializado e divulgado em eventos científicos promovidos pelo Afrodite, no ensino de graduação e de pós-graduação e na página institucional do laboratório.

A extensão universitária foi definida, no Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras, como “um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre a Universidade e outros setores da sociedade” (FORPROEX, 2012, p. 15). Entre seus objetivos está articular o ensino e a pesquisa com as demandas da sociedade, buscando o comprometimento da comunidade universitária com os interesses e as necessidades da sociedade organizada.

O Afrodite tem investido na extensão, seja por meio da promoção de eventos científicos, seja através de cursos de formação sobre as temáticas trabalhadas no laboratório, para membros e a comunidade em geral. Nesse sentido, nesses quase dois anos de existência, foram promovidas 18 formações. Destacamos duas delas: “Gênero e Ciências” e “Gênero e Sexualidade”, realizadas pelo Programa Institucional de Apoio Pedagógico aos Estudantes da UFSC, oferecidas para interessados, elaboradas através de parceria entre Afrodite, IEG/UFSC e NIGS/UFSC. Essas formações contaram no total com 280 alunes de todos os estados do Brasil. Com essas ações, o Afrodite promove uma interação recíproca entre docentes, alunes e sociedade, em qualquer espaço e momento, dentro e fora dos muros da universidade.

Como visto, o Afrodite vem trabalhando na articulação da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, e essa integração aparece em nossos relatos.

⁷ *Cadernos de Gênero e Diversidade*, Bahia, v.7, n. 3, 2021.

O fato de o Afrodite ser composto de pessoas tão diversas, que agem e reagem aos diversos marcadores sociais – como gênero, raça etc. – de formas diferentes, permite que um grupo dito acadêmico possa ultrapassar os muros da academia e dialogar com as mais diversas pessoas e seus lugares sociais, um segundo aspecto da importância do Afrodite. (Mário)

Ademais, o Afrodite aproxima discentes e pesquisadoras com a realidade sociocultural e de saúde da população LGBTQIA+. (Laís)

A indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão e a interdisciplinaridade são os pilares que sustentam o Afrodite. Ressalto, porém, que seu campo de atuação não é circunscrito à academia. Ao impactar a vivência e a experiência acadêmica e profissional de membros por meio de múltiplos olhares e perspectivas para a desconstrução de um modelo prescritor de condutas, o Afrodite rompe os muros da academia e cumpre com um dos papéis da universidade: a mudança da realidade social, neste caso auxiliando na construção de uma sociedade mais igualitária e equânime, que subverta a norma imposta em relação à sexualidade, que tanto discrimina, violenta e traz sofrimento. (Olga)

[...] Afrodite: a oportunidade de vivenciar as contribuições dos estudos para os contextos sociais e a ligação entre teoria e prática – a práxis. (Mário)

Dessa forma, acreditamos que estamos possibilitando a transformação nas formas de ver, compreender e produzir para além do presente, com visões futuras, projetando novas ações, por meio da produção de conhecimento, que impactem o viver humano, atuem como transformadoras de vidas e, por conseguinte, de todo um contexto social (GONÇALVES, 2015; AUGISTI; DALCIN, 2016). Vamos além, pois acreditamos que

[...] a palavra experiência ou, melhor ainda, o par experiência/sentido, permite pensar a educação a partir de outro ponto de vista, de outra maneira. Nem melhor, nem pior, de outra maneira. Talvez chamando a atenção sobre aspectos que outras palavras não permitem pensar, não permitem dizer, não permitem ver. Talvez, configurando outras gramáticas e outros esquemas de pensamento. Talvez produzindo outros efeitos de verdade e outros efeitos de sentido. [...] E para isso, para explorar as possibilidades de um pensamento da educação elaborado a partir da experiência, é preciso fazer, me parece, duas coisas: reivindicar a experiência e fazer soar de outro modo a palavra experiência. (LARROSA, 2021, p. 38)

Falar de experiência é falar daquilo que afeta, daquilo que faz sentir, com sua origem na subjetividade humana, espaço onde se encontram inúmeros conhecimentos (LARROSA, 2021), os quais foram durante muitos séculos rechaçados pelo saber

ortodoxo e sempre ocuparam os limites, as beiradas (WILLIAMS, 2013). Por fim, propor uma educação pela experiência e indissociável é propor, também, uma educação que emergja do “submundo” das margens.

Educação “marginal”

Uma das críticas ao pós-estruturalismo é que ele adota posições marginais, inconsistentes e insustentáveis. Se pensarmos “as margens” como limites, vistos pelos teóricos dessa corrente com o papel produtivo de desestabilizar a verdade e os valores estáveis, enxerga-se nesse lugar da margem, do limite, um caminho possível, um deslocamento epistemológico e político necessário para a produção de outros sentires, viveres e saberes (WILLIAMS, 2015).

Desse modo, emerge a necessidade de novos pressupostos que se contraponham à norma, ao *CISistema*, e que acolham essas experiências ainda relegadas, colocadas à margem. Para Preciado (2011), a “sexopolítica” desloca as minorias sexuais para o lugar de multidões. Essas multidões, como produto da desterritorialização da heterossexualidade, exigem uma nova prática que dê conta do aprendizado pelas diferenças.

A educação, como um lócus social, atua como um espelho da sociedade e do contexto vigente. Desse modo, ficam nítidos os processos de regulação que nos afetam das mais variadas maneiras. Se de um lado esses afetos possibilitam a liberdade (SPINOZA, 2009), a fluidez de nossos “seres”, de outro também devemos considerar as regulações que nos limitam, que atuam por meio de dispositivos que direcionam o nosso viver.

Podemos exemplificar tal cenário partindo de uma análise acerca dos papéis de gênero e da regulação em torno das sexualidades. Percebe-se a existência de um modelo naturalizado – o qual não pode ser contestado – que se pauta no par binário homem/mulher, em que homens só devem se relacionar com mulheres, e vice-versa. Tudo aquilo que foge a esse padrão, nomeado de cisheteronormativo, passa a ser considerado como “anormal” (LOURO, 2004), desviante, e, por conta disso, deve ser invisibilizado e marginalizado.

A partir deste instante, devemos perceber que nessa margem, nesse limite onde foram “postos” milhares de seres, há um conhecimento, existem vivências e experiências. Mas, considerando tal padrão hegemônico, podemos nos perguntar: o que

fazer, de que maneira desestruturar o padrão? Caminhar na contramão dessa norma, transgredir e desestabilizar os pares, se faz necessário para o fortalecimento de uma ótica desconstrutiva, sobretudo na educação (LOURO, 2004). A fala de William é construída exatamente sobre essa percepção:

Estar no Afrodite é estar em um território. Território este que me acolhe, me possibilita experienciar um rizoma, mas que, ao mesmo tempo, me convida constantemente à fuga, ao processo de novamente desterritorializar, desestabilizar, para, quem sabe, territorializar novamente.

Esse discurso nos faz refletir o quanto é desafiadora no espaço da educação essa possibilidade de fuga, de reinvenção e de busca permanente pelo saber (FREIRE, 2015). Muitas vezes, a educação pode monopolizar o acesso a determinados conhecimentos e ainda produzir, utilizar e legitimar saberes (NARDI *et al.*, 2013; FOUCAULT, 2020). Esse cenário educacional pode acabar se tornando um lugar propício para a formação de identidades nas quais os sujeitos ajustam-se às normas e às categorias a eles conferidas (SIERRA; CÉSAR, 2014).

Trabalhar com questões que envolvem gêneros e sexualidades é um constante aprendizado, é dinâmico e fluido, e o cenário acadêmico científico tem dificuldades em lidar com o não saber, com as instabilidades e incertezas (LOURO, 2004; CÉSAR, 2009; WILLIAMS, 2013). Por isso, o papel da educação marginal é justamente o de considerar a falta de respostas, trabalhar por meio do diálogo, do questionamento. Ao invés de respostas prontas, propomos lidar com a precariedade (BUTLER, 2019) e, principalmente, ir além da alienação ignorante sobre “o delinquente”, “a histórica”, “o homossexual”, “o transexual” (SIERRA; CÉSAR, 2014), ou seja, sobre todos os estereótipos e estigmas criados por essa sociedade que tende à regulação dos corpos, seres e saberes.

Tais processos de regulação estão expressos em vários momentos dos relatos:

[...] a formação dessa temática [sexualidade] é negligenciada na enfermagem, o que impacta diretamente a prática profissional. (Mariana)

[...] durante a minha graduação, [não havia] uma disciplina específica sobre o tema. (Laís)

Minha formação não me dava subsídios para trabalhar essas queixas, o que me levou a buscar o campo de conhecimento dos estudos da sexualidade. (Olga)

Omitir discussões sobre gênero e sexualidade dentro do processo formativo significa dizer que tais pautas não importam, ainda que sejam elementos inerentes a todos os seres (CÉSAR, 2009; LAPA, 2015). Os relatos evidenciam o quanto essa educação pode ser colocada à margem, na medida em que ela é negligenciada em currículos e debates, como se não fosse parte constituinte de nossa formação. Dessa maneira, por mais que saíamos do espaço universitário tendo – ou devendo ter – subsídios técnicos, aqueles que vão aparecer em nossa jornada e que farão sentido para nossas experiências não são contemplados, configurando uma omissão histórica, moralista e tradicionalista com impacto negativo para a vivência de quem se sente à margem das normas ditadas pelo sistema hegemônico.

Ainda que esses relatos evidenciem as tentativas de alienação, também se percebe a presença do questionamento em relação ao silenciamento desses aspectos nas formações. Os relatos nos mostram que é possível, em um processo de fuga, desestabilizar, abandonar esses conceitos predeterminados, para posteriormente buscar um novo território e um novo espaço. O Afrodite representa um território acolhedor e que possibilita contato com as experiências que estão na margem, abrindo “[...] espaço para que [possamos] militar dentro da educação, [...] na medida em que questionamos, em conjunto, as normas que insistem em invisibilizar e marginalizar nossas experiências” (William).

Estar em um laboratório de pesquisas permite uma libertação autêntica, por meio da desconstrução constante e de um processo que prevê o “ir além” das fronteiras do pensamento normativo, “[...] [fazendo] ciência e pesquisa da maneira como [acreditamos]” (William). Essa é a práxis, que envolve ação e reflexão constantes sobre o mundo, não para se ajustar ou se acomodar a ele, mas para transformá-lo (FREIRE, 2015) – tarefa nada fácil, visto que exige esforço, criação, quebra de paradigmas e, sobretudo, confronto. Para transformar o mundo, precisamos, primeiramente, nos transformar.

Experiências

Para Larrosa (2011, p. 22), a experiência é “atenção, escuta, abertura, disponibilidade, sensibilidade, vulnerabilidade, ex/posição”. O mesmo autor também relaciona a experiência com ação e prática, mas não algo intencional – atrelado às nossas intenções; ou seja, não é o que fazemos, mas o que passamos, aquilo que verdadeiramente nos acontece e, nos acontecendo, nos transforma (LARROSA, 2019).

Nesse sentido, o Laboratório Afrodite oportuniza experiências acerca dos e pelos múltiplos contextos que envolvem a diversidade e as diferenças. Tais experiências, por meio de afetos, ações, discussões, desconstruções, “pensamentos com” e reflexões, instrumentalizam es membros para a construção de sujeitos de mudança, capazes de se colocar no mundo com uma postura mais ativa, crítica, e menos preconceituosa:

Além do campo da pesquisa, tenho vivenciado outras extensões que o grupo proporciona. (Mariana)

Hoje não consigo escutar um comentário preconceituoso, machista, sem me posicionar. Ademais, sempre que possível, faço as pessoas refletirem sobre as questões de gênero e sexualidades. (Laís)

Percebi que tal experiência, para além de tornar essas pessoas visíveis para estudantes, permitia que discentes passassem a adotar uma postura não discriminatória, livre de preconceitos, acolhedora e inclusiva para com a diversidade sexual. (Olga)

É um verdadeiro movimento que tensiona os saberes, os viveres e os seres e que nos convida a compreender as diferenças. E todo esse processo, enquanto experiência, transforma e afeta diretamente meu ser. (William)

Além de “experiência”, alguns termos podem, e devem, ser aqui reescritos, a fim de que possamos canalizar uma maior atenção sobre seus signos: vivenciado (de “vivência”), movimento, transforma (de “transformação”) e afeta (de “afetos”). De certo modo, todos eles estão ligados à “experiência” – ou, como diria Deleuze, à experientiação, que seria o ato (o movimento) de experienciar, de vivenciar a experiência. Há uma potência viva em nosso “eu”, que, em suas diferenças e em seus deslocamentos, proporciona encontros com aquilo que está “fora”. E o que, ou onde, seria esse fora? É a presença de um ente que também desfruta de uma multiplicidade de diferenças, e, postas em movimento, estas geram potências (DELEUZE, 1988). Assim, os encontros possibilitam mobilidades de transformação que afetam as vidas, os seres, os saberes.

Percebemos, enquanto pessoas pesquisadoras e integrantes, que esse processo de transformação nos ocorreu, ocorre e atinge também outras pessoas que fazem parte

desse mesmo processo. Nesse ir e vir nos desterritorializamos, ou seja, traçamos uma linha de fuga que nos leva a novos, inesperados e desconhecidos locais.

Entrar, estar e permanecer no Afrodite é uma história de afetos que se iniciou antes mesmo que eu soubesse de sua existência. Minha história acadêmica – e sempre costumo dizer que “minha história de vida” – começa no GDE. A especialização em gênero e diversidade na escola, promovida pela UFSC, foi uma das experiências mais potentes que já tive durante minha vivência. Lá, compreendi que trabalhar com temáticas acerca de sexualidades, gêneros e diferenças era minha grande missão. Na realidade, não só trabalhar, mas experienciar. (William)

Ao partirmos da compreensão de que territórios são espaços geometricamente definidos para tornar as vidas existentes e concretas, assumimos também a compreensão de que nessa “definição” são estruturados limites – limites entre municípios, estados –, sendo que tudo aquilo que (ultra)passa o limite está “fora” deste. Criando uma analogia, um território traz, ao mesmo tempo, a capacidade de enrijecer um corpo, uma vida, tornando-a estática, ou de libertá-la, quando possibilita a desterritorialização (LAPOUJADE, 2015).

O Laboratório Afrodite nos permite experienciar a desterritorialização:

Estar no Afrodite é um desafio, é se colocar no lugar de aprendiz constantemente. (Mariana)

Estar no Afrodite é estar refletindo diariamente. Estar atenta a questões que antes passavam “batidas”, ou com as quais me incomodava, mas não me posicionava a respeito. (Laís)

O tracejado da linha de fuga tende a “fazer a vida fugir, escapar às suas limitações impostas quer pelo eu quer pelo estado presente do mundo” (DIAS, 2007, p. 279). Ao fugir, nos encontramos. Em realidade, nos reencontramos, seja com nós mesmos, seja com os outros, com o coletivo. Nota-se, nos relatos, as experiências relacionadas à coletividade e aos encontros, em que os membros do Afrodite interagem, buscando potencializar capacidades individuais e coletivas e, com isso, promovendo a responsabilidade social e gerando impactos positivos.

Essas vivências me levaram a criar um projeto de extensão de consultas de enfermagem em sexualidade, e mais tarde resultaram também na criação da disciplina “Corpo, gênero e sexualidade”, obrigatória no currículo de graduação em enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina. (Olga)

Docentes, discentes e pesquisadores das diferentes áreas, ao construírem coletivamente o conhecimento, fortalecem seus recursos pessoais, reelaboram suas concepções acerca das normas, superam suas dúvidas, bem como participam ativamente – e criticamente – e com segurança de todo esse processo:

É sobre estar presente e compreender que a presença traz escuta e aprendizado, e que bom que o grupo nos proporciona um lugar de fala e um lugar de escuta. (Édina)

Mas, na minha formação docente e de pesquisadora, consigo perceber que a sociabilidade e a interação são tão enriquecedoras quanto teorias e leituras, pois estas sozinhas não são suficientes. (Mariana)

Essas trocas de experiências coletivas nos remetem a Deleuze (1988), que infere que esses momentos de coletividade não são apenas encontros de pessoas, mas também movimentos, ideias, acontecimentos e entidades. Nesse ínterim, o contato com forças distintas se torna uma maneira de passar de um mundo a outro (DELEUZE, 1992). Buscamos, assim, vivenciar essas experiências coletivas no sentido de ampliarmos nossa visão de mundo, nos fortalecermos enquanto grupo e potencializarmos a nossa transformação.

Ainda em nossas experiências, foram sinalizados a significância, o afeto/afecto, o percepto/sentido e o acolhimento, todos vinculados ao saber, ao conviver, à construção coletiva do conhecimento e às relações interpessoais:

[...] mesmo sem nunca ter visto presencialmente as pessoas que compõem o Afrodite, percebo, enxergo e sinto presença. Não preciso ter encontrado qualquer pessoa que faça parte do Afrodite hoje para entender que a existência dela ali é importante. O Afrodite é essencial porque, além de ensinar, o grupo escuta e acolhe. (Édina)

O afeto em Spinoza é designado como um sentimento, uma mudança que ocorre tanto no corpo como na alma. Certos atributos humanos nos afetam ao ponto de contribuírem para a construção de quem somos enquanto pesquisadores. (Mário)

Comecei a mergulhar na imensidão de publicações que existem na literatura, até que encontrei a dissertação e a tese de uma docente com a qual me identifiquei muito. Entrei em contato, e prontamente ela se disponibilizou a me ajudar, me convidando para entrar no Afrodite. Aquilo significou esperança para mim. (Mariana)

Segundo Spinoza (2009), durante a busca do conhecimento, é necessária a compreensão da dinâmica dos afetos. Os afetos, quando ativos, expressam a

interpretação da mente produzida sobre os mesmos para se reconhecer como causa interna deles. Ou seja, por meio da presença dos afetos, é possível expandirmos nossas potencialidades (NOVIKOFF; DE PÁDUA CAVALCANTI, 2015).

Os afetos podem assumir inúmeras “roupagens”. Uma palavra, um ato, um compartilhamento; o ato de “pensar com”, debater, identificar ou diversificar; o encontro, o acolhimento. Independentemente da maneira de afetar e de sentir-se afetado, é o “sentir” que possibilita a construção do pensamento e do conhecimento, culminando em uma experiência. Antes de vivenciarmos qualquer situação, ela é primeiro sentida, passa pelo crivo de nossos sentidos para que, somente então, dispare sinapses nervosas que ativam a cognição e nos fazem pensar e, em decorrência, iniciar um processo em torno do conhecimento (LARROSA, 2021) compartilhado e não compartimentado.

[...] saber que existem pessoas comprometidas com o aprendizado técnico, político e social, como as que hoje compartilham seus saberes com o grupo, é de extrema importância para pensar em como agir para um amanhã melhor. (Édina)

Compreendemos, assim, que as ações, os afetos, ocorrem primeiro em nós. Isso é experiência, e é por meio da experimentação de si que se dá o exercício de potência (SPINOZA, 2009), que ao ser atingida transforma nossas experiências enquanto grupo. São essas as potencialidades que se concretizam em projetos que geram impacto social, buscando a construção de uma cultura mais igualitária, democrática e não reprodutora de estereótipos e opressões.

Considerações para não finalizar

Quando iniciamos a construção deste texto, narrar nossas experiências vinculava-se a um desejo de compartilhá-las enquanto participantes de um grupo de pesquisa. Porém, durante o processo de escrita, a intenção inicial foi sendo retirada de cena, enquanto a experiência de transformação assumia o protagonismo à medida que fomos percebendo que a transforma(ção) é a mola propulsora que caracteriza o Laboratório Afrodite. A partir desse entendimento, notamos que deveríamos ir além em nossos relatos, pois ao escrevê-los vivenciamos a experiência que possibilitou a transformação.

Ao realizarmos a análise de nossos textos, fomos afetadas pelo desconforto. O desconforto da escrita, o desconforto da percepção e da reflexão, aqui compreendido

como uma força que, ao tensionar os encontros e as relações, produz uma força centrífuga que nos leva à desterritorialização. Sentimo-nos incomodados com o que líamos, com o que debatíamos, com o que analisávamos. Mas, apesar disso, nos permitimos perceber aquilo que nos afetava e deixamos fluir, demos espaço para uma fuga que poderia nos levar distante o bastante dos padrões que tendíamos a normatizar. Experienciamos e transformamo-nos novamente.

Como visto, a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão é desejável no ensino superior em geral e uma obrigação no ensino superior público, uma vez que é ela que aproxima a universidade da sociedade. É indissolúvel tudo aquilo que não se pode dissolver; portanto, podemos afirmar que o grande elo que marca nossa união e que sustenta nosso papel social enquanto espaço de educação é a possibilidade de experienciar no ensino, na pesquisa e na extensão o compromisso com a socialização do saber.

O Afrodite é um laboratório que, desde sua criação, vai além. Ele não aprofunda, já que assim estaríamos marcando um posicionamento de centralidade, de voltar-se ao centro, quando na verdade lançamo-nos ao que está na margem, ao que é invisibilizado no contexto social e acadêmico. Fazemos das diferenças o alicerce de nossos projetos, acreditando que é também por meio delas que acompanharemos a evolução da educação, a qual distancia-se do plano cartesiano e ortodoxo e aproxima-se do ser e do sentir.

Gêneros e sexualidades compõem a subjetividade, e não acreditamos que tais aspectos possam ser mensurados quantitativamente. Nossa ciência, nosso modo de fazer ensino, pesquisa e extensão, abre-se a esse campo, não como defesa da autenticidade ou da finalidade, haja vista que ao defender um “fim” estaríamos impondo mais um limite, mas na defesa daquilo que acreditamos: uma educação que multiplique, cada vez mais, e possibilite as diferentes maneiras de ser, saber e experienciar.

Referências

BUTLER, J. *Vida precária: os poderes do luto e da violência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

CÉSAR, M. R. de A. Gênero, sexualidade e educação: notas para uma “Epistemologia”. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 35, p. 37-51, 2009.

CHANG, H. Individual and collaborative autoethnography as method. *In*: JONES, S.

H.; ADAMS, T. E.; ELLIS, C. (ed.). *Handbook of autoethnography*. [S. l.]: Left Coast Press, 2013. p. 107-119.

CORD, B.; CLEMENTS, M. Reward through collective reflection: an autoethnography. *E-Journal of Business Education & Scholarship of Teaching*, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 11-18, 2010.

DA SILVA, T. T. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

DELEUZE, G. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

DELEUZE, G. *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 1992.

DIAS, S. “Partir, evadir-se, traçar uma linha”: Deleuze e a literatura. *Educação*, Porto Alegre, ano 30, n. 62, p. 277-285, 2007.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 11. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 59. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

LAPA, J. *A sexualidade no cenário do ensino superior: um estudo sobre as disciplinas nos cursos de graduação das universidades federais brasileiras*. 2015. 217 f. Tese (Doutorado em Educação Ambiental) – Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2015.

LAPOLLI, É. M. L.; PARANHOS, W. R.; WILLERDING, I. A. V. *Diversidades: o bê-á-bá para a compreensão das diferenças*. Florianópolis, SC: Pandion, 2022.

LAPOUJADE, D. *Deleuze, os movimentos aberrantes*. São Paulo: n-1 edições, 2015.

LARROSA, J. Experiência e alteridade em educação. *Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, p. 4-27, 2011.

LARROSA, J. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

LARROSA, J. *Tremores: escritos sobre experiência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

LOURO, G. L. *A necessidade da subversão: a teoria queer na educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MANZONI-DE-ALMEIDA, D. *Uma análise autoetnográfica da leitura da obra “A vida de Galileu” de Bertolt Brecht: o desenvolvimento de um anticorpo político*. 2021. 255 f. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Curso de Pós-Graduação em Teoria e História Literária, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2021.

NARDI, H. C.; MACHADO, P. S.; MACHADO, F. V.; ZENEVICH, L. O “armário” da universidade: o silêncio institucional e a violência, entre a espetacularização e a

vivência cotidiana dos preconceitos sexuais e de gênero. *Teoria e Sociedade*, Belo Horizonte, n. 21.2, p. 179-200, 2013.

NOVIKOFF, C.; DE PÁDUA CAVALCANTI, M. A. Pensar a potência dos afetos na e para a educação. *Conjectura: filosofia e educação*, Caxias do Sul, v. 20, n. 3, p. 88-107, 2015.

PARANHOS, W. *Modelo conceitual para o desenvolvimento de organizações saudáveis*. 2021. 245 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia e Gestão do Conhecimento) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

PRECIADO, B. Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 11-20, 2011.

ROBLES, M. *Mulheres, mitos e deusas: o feminino através dos tempos*. [S. l.]: Aleph, 2019.

ROY, R; UEKUSA, S. Collaborative autoethnography: “self-reflection” as a timely alternative research approach during the global pandemic. *Qualitative Research Journal*, [S. l.], v. 20, n. 4, p. 383-392, 2020.

SIERRA, J. C.; CÉSAR, M. R. de A. Governamentalidade neoliberal e o desafio de uma ética/estética pós-identitária LGBT na educação. *Educar em Revista*, Curitiba, spe-1, p. 35-51, 2014.

SILVA, F. M. da. Febo Apolo na trama épica de “Memorial da Infância de Cristo e Triunpho do divino Amor” (1639) de Soror Maria de Mesquita Pimentel. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 201-212, 2015.

SPINOZA, B. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

WILLERDING, I. A. V. *Arquétipo para o compartilhamento do conhecimento à luz da estética organizacional e da gestão empreendedora*. 2015. 328 f. Tese (Doutorado em Engenharia e Gestão do Conhecimento) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

WILLIAMS, J. *Pós-estruturalismo*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

Recebido em maio de 2022
Aprovado em junho de 2022